

Dossiê - Dossier

Homenagem a Ruth Monserrat

Tribute to Ruth Monserrat

organizado por / organized by
Ana Suelly Arruda Câmara Cabral
Jorge Domingues Lopes
Lucas Barbosa de Melo
Lucivaldo Silva da Costa
Maria Cristina Macedo Alencar
Quélvia Souza Tavares
Sanderson C. Soares de Oliveira



UnB

O “Vocabulario da Língua Brazil” de Anselm Eckart (por volta de 1757-1759)

The “Vocabulario da Língua Brazil” de Anselmo Eckart
(about 1757-1759)

Wolf Dietrich

ORCID: 0000-0002-3548-2527

DOI: 10.26512/rbla.v16i1.56732

Recebido em agosto/2024 e aceito em novembro/2024.

Resumo

Na base dos dicionários de Língua Geral Amazônica conhecidos até hoje (séculos XVII e XVIII) e acessíveis em forma publicada ou digitalizada, se estudam alguns pormenores do dicionário anônimo intitulado “Vocabulario da Língua. Brazil”, cujo autor, o missionário jesuíta alemão Anselm Eckart, se identificou com bastante certeza. Depois de informar sobre os dados metalexigráficos deste dicionário, se analisam a estrutura dos verbetes, os aditamentos no corpo dos verbetes e os que se encontram nas margens das páginas; os exemplos linguísticos, as informações sobre uso linguístico tradicional e uso comum contemporâneo e a informação gramatical. Discutem-se os problemas do estudo comparativo do dicionário de Eckart com os correspondentes, os cronologicamente anteriores e os contemporâneos, bem como as possibilidades de reconstruir as interdependências deles e a cronologia da sua confecção antes e depois do encarceramento dos jesuítas em 1759.

Palavras-chave: Língua Geral Amazônica; Dicionários; Linguística missionária; Lexicografia; Anselm Eckart.

Abstract

On the basis of the 17th and 18th century dictionaries of the language called “Língua Geral Amazônica” that are known nowadays and accessible by publication or digitalization we study details of the anonymous dictionary entitled “Vocabulario da Língua. Brazil”. Its author has been identified with rather considerable certainty as being the German Jesuit Anselm Eckart. After giving the necessary metalexigraphic information items are analyzed such as the structure of the entries, supplementary information in the entries themselves or in the margins of the pages, linguistic examples, information

about traditional and actual, contemporary language use as well as grammatical hints. Problems that arise from the comparative study of Eckart’s dictionary with other more or less contemporary Jesuitical dictionaries of the language are discussed, as well as the possibilities of reconstructing their historical interdependences and the chronology of their completion, before and after the imprisonment of the Jesuits after 1759.

Keywords: Língua Geral Amazônica; Dictionaries; Missionary linguistics; Lexicography; Anselm Eckart.

1. Antecedentes

Estas linhas não oferecem nada de realmente novo para a homenageada, mas apresentam um passeio atento por um território bem conhecido por Ruth. Um passeio estudioso que prossegue um trabalho comum de muitos anos, a lexicografia jesuítica da Língua Geral Amazônica do século XVIII (veja-se Muller, Jean-Claude; Dietrich, Wolf; Monserrat, Ruth 2019) e Dietrich (2019, 2020).

1.1 A lexicografia da Língua Geral Amazônica dos séculos XVII a XIX

A documentação da Língua Geral Amazônica (LGA) dos séculos XVII e XVIII conta com dez dicionários e um catecismo (Bettendorff 1687). Alguns dos dicionários foram publicados (Anônimo 1622, Arronches 1739, *Dicionario Portuguez-Brasilião e Brasilião-Portuguez* 1934, *Diccionario da lingua geral do Brasil* 2006, Muller, Dietrich, Monserrat 2019), outros foram digitalizados e são acessíveis na internet (Anônimo, *Prosódia da Língua*; Anônimo [Eckart, Anselm]; *Diccionario da Lingua Geral do Brazil* 1750, *Dicionário da Língua Brasileira*, Anônimo, Dicionário dito da “Fazenda Gelboé, 1757.). Juliane Müller, da Universidade de Tübingen (Alemanha) prepara a edição e reedição de todos os dicionários conhecidos (Müller, em preparação). No contexto desses estudos ela chegou a uma hipótese que revoluciona a nossa concepção deste período da história da LGA (Juliane Müller, c.p.).

Segundo esta hipótese podemos imaginar uma tradição dupla da lexicografia missionária, uma jesuítica, com dicionários ricos em exemplos linguísticos, que muitas vezes se repetem exata ou parcialmente, e uma franciscana (capuchinha), com dicionários mais concisos, sem exemplos de uso linguístico. A dependência das tradições de ordens diferentes explicaria a estrutura diferente dos dicionários correspondentes. Embora muitos detalhes de cada um dos dicionários continuem ainda por pesquisar, o panorama geral que se abre é o seguinte.

Todos os autores de dicionários da tradição jesuítica são anônimos, como também a maioria dos de tradição franciscana. Alguns autores foram

identificados com bastante certeza, outros não; em alguns casos conhecemos o lugar da confecção do dicionário, em outros não. Em geral, tampouco há certeza com respeito à data da confecção ou da cópia do manuscrito. Em alguns casos só dispomos de óbvias cópias, em outros de autógrafos dos autores. A tradição jesuítica conta com as seguintes obras conhecidas até agora:

- a) O chamado *Vocabulário na Língua Brasileira*, provavelmente de 1621 ou 1622, está no início da tradição, quando as diferenças entre o Tupinambá original¹ e a posterior Língua Geral ainda eram menores. O *VLB* poderia ser um dicionário da Língua Geral Paulista, conservado em três manuscritos, cópias de uma cópia escrita em Piratininga (SP) em 1621-1622. Um dos manuscritos pertence ao Departamento de Cultura de São Paulo, outro encontra-se na Biblioteca Nacional de Lisboa (Ms.fg., 3144); o terceiro, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, é incompleto e, segundo Ayrosa (1938), não livre de erros. Trata-se de um dicionário unilateral português-Língua Geral. Os dicionários jesuíticos posteriores em geral, evidentemente, tomaram o *VLB* como modelo, tanto na escolha de verbetes como na dos exemplos. Ambos os manuscritos do *VLB* foram publicados, o de São Paulo por Plínio Ayrosa, em 1938, o de São Paulo em combinação com o de Lisboa por Carlos Drumond, em 1953.
- b) Anônimo (sem data de confecção), Ms. King's 223 da British Library de Londres, que apresenta nas páginas iniciais a nota "Pertence à Fazenda Gilboê, 1757".² Ainda não se identificou com certeza quem pode ser o autor, quem podem ser os copistas e a que lugar se refere "Fazenda Gilboé". A data de 1757 parece ser aquela da primeira confiscação das obras dos jesuítas pela polícia. Dicionário português-LGA que se prepara para a publicação no projeto de Müller (Müller, org.).
- c) [Fusco, Sebastião] (s.d.), *Prosodia da Lingoa*, Ms. M.A. 569 da Academia das Ciências de Lisboa. Dicionário português-LGA não publicado.³

¹ Sobre o Tupinambá veja-se a tese recente de Gerardi (2023).

² Devo os meus conhecimentos e o acesso à obra a Juliane Müller, c.p. do 15 de agosto de 2024.

³ Em 2020 sustentei a hipótese de Rochus Hundertpfundt ser o autor possível da *Prosodia*. Juliane Müller (c. p. de 19/07/2024) felizmente conseguiu identificar a mão do copista com a do padre italiano Sebastião Fusco, personagem conhecida na missão brasileira 1720 e 1759. Segundo Müller, Fusco é também o autor da *Prosodia* porque Meisterburg cita a Fusco duas vezes no seu dicionário (40r e 55v). O papel de Hundertpfundt então reduzir-

- d) [Meisterburg, Anton(io)], “Dicionário de Língua Geral Amazônica” (por volta de 1757-1759), Ms. nº. 1136 da Biblioteca Municipal de Trier/Alemanha, publicado por Jean-Claude Muller, Wolf Dietrich e Ruth Monserrat, Universitätsverlag Potsdam, 2019. Dicionário português-LGA e LGA-português.
- e) [Eckart, Anselm] (1757-1759?), *Vocabulário da Língua Brasil*, Ms. Cod. 3143 da Biblioteca Nacional de Lisboa. Dicionário português-LGA não publicado.

A tradição provavelmente franciscana está documentada nas seguintes obras:

- a) Arronches, Frei João de (1739), *Caderno da lingua*. Ms. da Biblioteca do Museu Paulista. Publicado por Plínio Ayrosa com o título “O Caderno da Língua”, *Revista do Museu Paulista* 21 (1935:49-322). Frei João de Arronches ou escreveu ou possuía o dicionário em 1739. Dicionário português-LGA. É o dicionário mais breve e mais lacônico de todos, sem exemplos.
- b) *Diccionario da Lingua Geral do Brazil* (1750). Ms. 69 da Biblioteca da Universidade de Coimbra. Dicionário anônimo português-LGA não publicado, mas acessível em https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-69/UCBG-Ms-69_item1/index.html. No manuscrito, o dicionário (pp. 239-254) é precedido por uma “Grámatica (sic) da Língua geral do Brazil. Com hum Diccionario dos vocabulos mais uzaiaes para a intelligencia da dita Lingua” (pp. 1-217).
- c) *Diccionario da Lingua Brasilica*. s.d. Ms. 94 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Dicionário anônimo LGA-português não publicado e não estudado. Acessível em https://digitalis-dsp.uc.pt/bg3/UCBG-Ms-94/UCBG-Ms-94_item1/index.html.
- d) *Diccionario Portuez-Brasiliano e Brasiliano-Portuguez* (1751/1795), provavelmente compilado em 1751 por um certo frei Onofre. A primeira parte foi publicada em 1795, em Lisboa, por frei Velloso, mas, segundo Müller (c.p.), frei Onofre compilou também a segunda parte. Ambas as partes foram publicadas por Plínio Ayrosa em São Paulo, em 1934. O dicionário parece-se muito com outros da tradição franciscana, isto é, o Ms 69 e o Ms. 94 de Coimbra.
- e) *Diccionario da lingua geral do Brasil que se falla em todas as villas, lugares e aldeas deste vastissimo Estado*. Escrito na Ci-

se-ia à iniciativa de favorecer o envio de missionários alemães à missão amazônica.

dade do Pará / Anno de 1771. Manuscrito 81 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, publicado por Cândida Barros e Antônio Lessa, Belém: MPEG 2015. Dicionário obviamente pós-jesuítico. Acessível em: <https://etnolinguistica.wikidot.com/biblio:barros-2015-dicionario>.

1.2 A prova da identidade do autor: Anselm Eckart

Comparando os três dicionários, dois compilados por jesuítas alemães, um pelo italiano Fusco, conseguimos identificar a mão que escreveu o “Vocabulario da Lingua Brazil” com a de Anselm Eckart (Muller, Dietrich, Monserrat 2019:362). Isto foi possível graças aos materiais autógrafos de Eckart reproduzidos em Papavero & Porro (2013). Do mesmo modo, Jean-Claude Muller conseguiu identificar a mão que escreveu o dicionário de Língua Geral de Trier com a de um autógrafo de Meisterburg conservado no Arquivo dos Jesuítas em Roma. O “título” *Vocabulario da Lingua Brazil*, porém, não é de Eckart. Obviamente foi agregado por outra mão, talvez pelo bibliotecário da Academia de Ciências de Lisboa no momento de registrar a obra anônima carenciada de título.

A relação que existe entre os dicionários de Eckart, de Meisterburg e do autor da *Prosodia* já foi estudada por Muller, Dietrich e Monserrat (2019:363-374) e por Dietrich (2019 e 2020). Neste novo estudo do dicionário de Eckart já temos uma ideia da natureza do dicionário da “Fazenda Gelboé”.

2. Dados metalexicográficos

O dicionário de Eckart consta de 172 páginas manuscritas, cuja numeração parece ser posterior à compilação. O dicionário é alfabético até a página 166; nas páginas 167-172 encontramos verbetes acrescentados, alfabéticos também, organizados em grupos segundo as letras iniciais dos verbetes portugueses de PU até VO.⁴

Uma observação se impõe depois de examinar as silhuetas, isto é, os quadros gráficos que oferecem as páginas inteiras do dicionário. A partir das letras O, P as páginas parecem ser mais “magras”, menos “cheias” do que antes. As margens tornam-se mais amplas, os aditamentos rareiam. Os verbetes que faltam na primeira parte, a partir da letra P, completam

⁴ Adicionalmente às imagens microfilmadas da Biblioteca Nacional de Lisboa, Juliane Müller compartilhou comigo as fotografias recentes que ela fez do exemplar conservado na BN. Estas permitem ler muito mais claramente o texto de Eckart e até decifrar partes quase indecifráveis no microfilme. Fico profundamente agradecido às iniciativas de Juliane Müller.

o dicionário na sua segunda parte, embora ali também os verbetes sejam mais breves, lacônicos. Nas últimas letras, V e U, leem-se listas de verbetes portugueses não traduzidos⁵, como se, nas dificuldades das últimas semanas, o autor não tivesse tido o tempo de terminar a cópia.

Por outro lado, todos esses verbetes também não figuram nos dicionários de Fusco e de Meisterburg. Esses dois apresentam o verbo **Vituperar**. ‘Aroirô’ que Eckart não inclui na lista dos membros da família de palavras. Eckart, ao contrário, anota o verbo ‘aroirô’ no substantivo **Vituperador**. Por outro lado, precisa-se tomar em consideração o fato de que no dicionário de Eckart se observam casos, já no início do dicionário, em que ele se para no processo de copiar, sem completar o verbo, porque o modelo lhe parece estranho ou inexplicável. Um exemplo destes é o verbo **Assombrar, como visão**, que tanto na Prosodia como em Meisterburg se escreve <vição>, com /s/ surda. Trata-se dos costumes articulatórios do alemão Meisterburg e do napoletano Fusco, diferentes em princípio, mas coincidentes neste caso?⁶

Uma hipótese para explicar esta situação poderia ter as suas razões na situação precária do autor: quando Eckart fez a cópia a limpo do seu dicionário, cópia do dicionário de Meisterburg, que completava os materiais que já colecionara de Fusco e os de outras fontes, o trabalho foi ameaçado pela expulsão iminente dos jesuítas. Talvez terminasse a cópia rapidamente a partir da letra P, omitindo uma série de verbetes que, porém, teve a oportunidade de incluir quando a retenção demorou a realizar-se. A segunda parte, porém, também foi confeccionada com pressa, carecendo de todo tipo de aditamento posterior. Supondo que sejam corretas estas hipóteses, fica pendente o problema de como explicar a ausência de aditamentos posteriores, agregados mais tarde de memória. Por algum motivo não teve tempo para revisar e completar esta segunda parte.

O caderno preenchido por Eckart, segundo a impressão que se pode ter das fotografias, parece ser quase retangular, com uma extensão de uns 20 por 20 centímetros. A paginação de 1 a 172, parece ser posterior, como se fosse escrita com lápis. Na página 1 lemos o título acrescentado por outra mão: Vocabulário da Língua e, na linha seguinte, Brasil. No verso da página 1, que carece de número, lemos a nota, de outra mão ainda: *Heda Doacaõ*

⁵ Vitoria, Vitorioso, Vituperador, Vituperação, Vituperador (repetido), Vituperio; Vulgarisar, Uva.

⁶ Um caso fonologicamente paralelo é aquele de **Atiçar**, ortografado corretamente só por Eckart ao passo que Meisterburg escreve *atizar*. Fusco corrige *atiçar* em *atizar*, o que precisamente pode ser motivado pela grafia napolitana do verbo *attizzà* ‘atiçar’, tanto mais que este se pronuncia com /ts/ surda. Igualmente Fusco escreve <balanza>, o que Meisterburg adota, mas Eckart escreve corretamente <balança>.

do *D^{or} Antonio Ribeiro*, quer dizer ‘É da doação do doutor Antônio Ribeiro’. Conforme a mão e a ortografia oitocentista desta referência não se pode tratar do cardeal Antônio Ribeiro, patriarca de Lisboa (1928-1998).

O dicionário de Eckart deve conservar-se em Lisboa desde a chegada à Lisboa dos jesuítas presos. Eckart, que passou 18 anos de encarceramento (1759-1777) em Lisboa, provavelmente já não possuía o seu dicionário quando foi posto em liberdade em 1777. A pessoa do mencionado “D^{or} Antonio Ribeiro” deve ser outra, provavelmente uma personagem lisboeta que adquiriu o dicionário depois da retenção dos missionários jesuítas e da sua chegada à Lisboa.

Em geral, a mão de Eckart é clara e bem decifrável. Sua acentuação, nas palavras de Língua Geral, é bem marcada, com acentos agudos e graves bem direitos; o til de nasalidade sendo em geral indicado por uma pequenina linha curvada por cima da vogal nasal. Em português, Eckart e Meisterburg seguem o uso da época, escrevendo o til sobre os ditongos não na primeira vogal – como hoje em <ão> –, mas na segunda: <aõ>.

3. Organização e conteúdo dos verbetes

Estão sublinhadas todas as passagens explicativas, gramaticais e de precisão semântica, seja em português ou em latim. Sublinham-se também as traduções portuguesas dos exemplos em Língua Geral. Deste modo, o autor destaca as palavras e expressões em Língua Geral e a palavra ou expressão que forma o verbete, não sublinhada. Eckart, repetidamente, para citar uma das suas fontes, refere-se a uma *Arte*. Esta pode ser a *Arte de grammatica* do jesuíta Luis Figueira (1687), mas também a de Anchieta (1595). Exemplos da referência a Figueira são os verbetes:

Arrepiamento dos cabellos. Tirá. *Arte*, p. 76; Ardor ou requeimar da pimenta. Táia. *Arte* p. 75 xetáia; Anta, grande besta. Tapijra. *Relat. vaca*. Irymbaba Tapiira. *Arte* p. 77; Assim he. Anhé vel Anheté. Anhéraú aié. *Arte* p. 133. Anhéreá vel Anhéraçoera, dos homens somente, assim he Anhéreĩ vel Anhéraçoerĩ, das mulheres somente; assim he Emonã momo assim houvera de ser.⁷

Figueira cita a sua fonte também nos verbetes **Não** e no subsequente **Não he assim**. No primeiro confunde a negação predicativa *Nitibi v. Nitíu* com a negação oracional de resposta “Não!” quando agrega *Topin. aán, aáni, aáinhé, aániracó*, anotando na margem *Arte* pag. 134. O verbete **Não he assim** obviamente se entende como o “Não!” de resposta, como o faz

⁷ Eckart destaca-se aqui de Meisterburg por informações detalhadas sobre a fala dos homens e a das mulheres. Tais diferenças, salientes nas interjeições e nas expressões de afirmação e de negação, encontram-se também em outros dicionários, veja-se o verbete “sim” no VLB, na “Fazenda Gelboé” e na *Prosodia* (J. Müller, c.p.)

Figueira, quando diz *Aáñireá*, dos homens *sò, aáni rí, das mulheres*. Junta os dois verbetes com a nota marginal “Arte pag. 134” por duas cintas, uma grande e uma pequena. As referências a Figueira (1687) são todas corretas.

Hoje sabemos que o léxico das línguas indígenas é particularmente rico em termos de fauna e flora. Ao contrário, os missionários, como se pode ver nos seus dicionários, não estavam muito interessados nas diferentes denominações de animais e plantas porque não lhes serviam na catequese.⁸ Encontram-se, porém, aqueles insetos que lhes dificultavam a vida diária. Um bom exemplo é o verbo **Mosquito** nos diferentes autores. Arronches, na tradição possivelmente franciscana, limita-se a distinguir ‘mosquito pequenino’ (*Maroví*) e ‘mosquito grande’ (*Carapaná*). Os autores de tradição jesuítica são mais verbosos: O *VLB* (1622), ao início da tradição, primeiro distingue entre “mosquitos, como de uinho, ... que acodem às feridas ...” e “mosquitos que mordem”, alistando quatro tipos entre estes últimos: “Piũ: estes são os borrachudos; os das pernas compridas: Nhatiũ, os piquinhos dos mangues Marigui: os seus semelhantes do mato, Mariguiũna e são ainda menores”. O autor da “Fazenda Gelboé”, por sua parte, é discreto como Arronches. Fusco, na *Prosodia*, dá informação genérica em comparação com o *VLB*: “Mosquitos, são de varias castas, os que mordem m.^{nos} [menos], e são pequenissimos. Piũ. os de pernas compridas e cantaõ importun.^{te} [importunamente] Carapaná. em fim com o uzo se saberaõ”. Eckart e Meisterburg, neste caso, são ainda mais informativos. Eckart, copiando Meisterburg, mas evitando seus erros linguísticos, escreve: “Mosquitos que mordem, e mui peq.^{os}. Piũ. os de pernas compridas e aguilhaõ comprido, e q’ cantaõ como trombeteiras. carapana. os peq.^{os}: Marigui, q’ não faltaõ no caminho do Maranhaõ; os q’ se pegaõ nas pernas: Mocüi”. Chama a atenção que o termo *nhatiũ* para os mosquitos pernilongos (*nhatiũ* no Guaraní paraguaio e em Kaiowá, *nhaxiũ* em Mbyá) parece ser substituído por *carapanã* (todos os nossos autores escrevem <carapaná>).

Muitos verbetes do “Vocabulário” são praticamente idênticos com os do dicionário de Meisterburg (Muller, Dietrich e Monserrat 2019), sendo a conformidade entre estes dois maior do que a que existe entre eles e o dicionário chamado “Prosódia da Língua”. Há indícios para pensar que o dicionário de Eckart é uma cópia mais ou menos exata daquele de Meisterburg. Observam-se, porém, pequenas diferenças. Em alguns casos, Eckart apresenta uma ortografia portuguesa algo diferente da de Meisterburg. No verbo, por exemplo, **Abater** como mato ou erva, Meisterburg prefere

⁸ Distingue-se muito desta atitude o recente dicionário Kaiowá-Português da teóloga e etnóloga Graciela Chamorro (2023) porque o seu foco, além do vocabulário geral, enriquecido de muitos exemplos do uso quotidiano, está na terminologia da fauna e flora e da religião.

a grafia tradicional <matto ou herva>. Em **Abater** ou **Rebater** razoens, Eckart grafa o ditongo <õe> sem til, mas com a antiga consoante nasal <n>; Meisterburg põe o til na segunda vogal de <oëns>.

4. Particularidades do dicionário de Eckart

Na formulação dos verbetes portugueses é evidente a uniformidade entre os dois autores, mas as pequenas diferenças que se observam mostram que não se trata de uma cópia mecânica por parte de Eckart: Lá onde Meisterburg documenta **Abano**, *flabellum*, que serve pa huma pessoa refrescarse. pejuçába, Eckart anota **Abano**, *flabellum*. Pejuçába, que serve p'a a pessoa refrescar se. Por outro lado, com referência a 'abano', Eckart tem os mesmos sete verbetes e na mesma ordem que oferece Meisterburg, quatro verbais e três nominais: **Abanar**, **Abanarse**, **Abanar a arvore**, ou esteio, **Abanar os ramos** d^a arvo [arvore], **Abano**, *flabellum*, **Abano** p^a. o fogo, **Abanos de camisa**, no dicionário de Eckart. As diferenças encontram-se no interior dos verbetes. Eckart acrescenta diversos equivalentes em latim que Meisterburg não tem:

Abanar. ventilare; **Abanarse**. *flabello auram colligere*; **Abanar a arvore**. *concutere* ou *estejo*, *fulcrum*, *columen* &c.; **Abanos de camisa**. *Patagia*.

Acertar, vg com o tiro. *collimare* aiapì catù, se he com frecha, *sagitta*, ou cousa que tem ponta Anhymbó. Se he com arpaõ, Acotùc. Em comparação com a *Prosódia* e com Meisterburg, que oferecem verbetes quase idênticos, Eckart é o único quem agrega os equivalentes latinos *collimare* e *sagitta*. Estava menos seguro do seu português ou queria integrar toda a informação “exótica” no seu mundo cultural dominado pelo latim?

Affiada estar a faca, *fouce* &c. *Acutus cultellus*, *falx*. çaembé.

Acolher se alguem, qu lhe valha Aiepycyrō v Anhepycyrō recé. Eckart completa o verbete, paralelo na *Prosódia* e em Meisterburg, procurando equivalentes semânticos: Valer se de outrem, *Alicujus opem implorare*.

4.1 Os aditamentos

São interessantes também os diferentes aditamentos nesta série de verbetes: No primeiro, **Abanar**. ventilare, *apejù* v. *apeiù*, Meisterburg apresenta um aditamento posterior: *alius dicit apijù*, que Eckart não tem, certamente porque o aditamento é posterior à cópia de Eckart. No segundo, **Abanarse**, ambos anotam, depois do verbo *aiepejù* v. *anhepejù*: *vulgo sine i* rasteiro, sendo a *i* rasgada na expressão de Eckart, em várias ocasiões. Isto, com certeza, se refere à <i> inserida depois da marca de pessoa no verbo transitivo, que indica o objeto direto incluído nestes verbos. Este usava-

se em verbos transitivos como *a-i-peju*, mas não em verbos intransitivos reflexivos como *a-je-peju*. O lugar da nota, então, teria sido o verbete anterior, **Abanar**. *apejù*, onde se informa que o mecanismo da inserção do <i> do objeto já não funcionava regularmente na Língua Geral da época.

Neste mesmo verbete no Eckart se lê um aditamento marginal posterior **Abanar se como acalmado**. *Aiepejù*, que Meisterburg não tem e que se explica dificilmente. Seria para dizer ‘abanarse para acalmarse’? Ambos não conhecem a forma hoje mais comum, *abanico*, nem abanicar. Por outro lado, os sete mencionados verbetes em relação a *abanar* e *abano* encontram-se mais ou menos idênticos no dicionário de Língua Geral chamado de *Prosódia da Lingoa*, possivelmente de Sebastião Fusco.

O verbete **Alimpar**, lacônico na *Prosódia* (Alimpar. *Aioçyb*), fica ampliado no dicionário de Meisterburg pelo verbete seguinte, Alimpar da ferrugem *Akitingóc*, portanto dos dois verbetes da *Prosódia* Eckart fez um só. Eckart, da sua parte, acrescenta mais pormenores: “**Alimpar** Aioçyb. Inf. [initivo] *Çyba ixyba* Relat. Aieçyb *Alimpo me amim* [a mim] mesmo. Pass. Acäapír. (e como aditamento posterior, na linha seguinte): Jetten [alemão atual *jäten*] ‘mondar, sachar’.” Depois da informação morfológica anota que se trata de uma raiz com relativo⁹. Acrescenta também a forma reflexiva e a sua tradução, chamando-a “passiva”. O verbo *ka’apir*, no dicionário de Meisterburg se menciona no verbete **Alimpar a roça de herva**. acäapír, alfabeticamente entre **Almofariz de bronze** e **Almorreimas**. Adições marginais da mão de Eckart, geralmente exemplos adicionais, pág. 1, entre os diferentes matizes e usos da preposição *a*, neste caso “Á de lugar, se lê na margem da pág. 1.: Ecoãĩ paranáme . vai ao mar!”

Eckart agrega, na margem da página, na ordem alfabética correspondente, verbetes que não se encontram, nem na *Prosódia*, nem em Meisterburg, por exemplo na p. 10, na margem dos poucos verbetes existentes com as letras iniciais ADM, antes e depois de **Admirar** A. Rapere in admirationem. Amopotubáb vulgò Amöacanhém, e **Admirar se** xe putubáb. Ità catech. vulgò Acanhecanhém, ajunta, na margem direita, com outra tinta:

Administrar, ter cuidado de alguma cousa Aimocoár, tem Recé

Administrador. Rerecoára. ou Feitor

Admoestar. Aiemoapyçacá

Admoestador. Moapyçacáçara

Admoestação. remoapyçacáçaba.¹⁰

⁹ Veja-se abaixo o § 5. sobre explicações gramaticais.

¹⁰ Os três verbetes **Admoestar**, **Admoestador** e **Admoestação** são estranhos. O significado ‘admoestar, advertir’ se registra, nos diferentes dicionários do português, uma vez com

Na página 19, na margem do verbete “**Amargar**. Amarescere (verbo intransitivo) xeró ut iró Relat. Arte N. 33¹¹ xe rob. Irregul. in 3. p. Sing. irób” se encontram os aditamentos marginais, que não oferecem o *VLB* (1622), nem a *Prosodia*, nem Meisterburg, nem a “Fazenda Gelboé”, nem Arronches:

Amargar. A[tivo]. Amoroiron.

Amargura. Irõ. (Deciframento difícil).

Amargurar se, estar cheyo de amarguras, estar triste. xepyãiba ‘de coração afetado’(Leitura difícil).

O aditamento é interessante pela informação lexical, mas evidencia mais uma vez uma insegurança linguística do autor: a confusão entre a nasalidade da raiz *roirõ* ‘aborrecer, desprezar’ (*royrõ* em Guarani) e a oralidade da raiz *rob-a* ‘amargo’. Em alguns casos encontram-se também aditamentos marginais de outra mão: Na pág. 1, no verbete *Ás avessas*, *præposterè*, *çupé* [errôneo por *cupé*] *coty* vg. *Icupé cotý ere monhang có mbäé?*, lemos na margem, de outra mão *Cupé kití*, que significa ‘para detrás’ e representa a evolução fonética que se manifesta no *Nhe’engatú*, sendo *kiti* a palavra *Nhe’engatú* do que na Língua Geral ainda fora *koty*, grafado *coty* (fusão do fonema /i/ com /i/ e abertura do /o/ em sílaba pretônica). Isto, mais uma vez, levanta o problema de saber quem escreveu em que ocasião comentários a detalhes contidos nesse dicionário.

A seguinte nota marginal chama a atenção porque mais uma vez mostra o conhecimento defeituoso da língua portuguesa do autor. O aditamento marginal de Eckart oferece um exemplo com referência ao verbete **Amatade** [a metade], o qual, apesar do erro morfosintático de não reconhecer o artigo como determinante do substantivo *metade*, contém o lapso de (*A*)*matade* por (*A*)*metade* embora se ache inserto na ordem quase alfabética da forma correta, *metade*, entre **Ameaçar por de traz** e **Amedrontar. Terrere**. Até parece que sucedeu uma correção de uma forma *ametade* anterior em *amatade*. Ao passo que o verbete **Metade** (ou uma das

a forma latinizante *admoestar*, outra vez com a mais moderna *amoestar*. Eckart, por sua parte, oferece as duas, em lugares diferentes. O verbete **Amoestar** encontra-se no lugar alfabético de ‘amolar’ embora esta palavra não figure de verbete no dicionário; mas sim existe naquele de Arronches. O autor da *Prosodia*, Meisterburg e Eckart compartilham esta curiosidade. Pode ser que os três acusem interferência entre *amoestar* e *amolação* ‘lembrete’? . Esta poderia ser a razão de os três verbetes **Amoestar**, **Amoestação** e **Amoestrador** estarem colocados na ordem dos verbetes com inicial AMOL-, entre **Amollar** e **Amolgar**. Os equivalentes que Eckart dá de **Admoestar** é *aiemoapyçacá*, isto é ‘fazer ouvir’ ao passo que o de **Amoestar**. são *Amöapyçaca* [*amoapysaká* ‘prestar ouvido’] ou *Aimonghetá* ou *Amongheta* [‘falar-lhe’]; depois, com outra tinta, o aditamentor *Aporomonguetá* [‘falar à gente’].

¹¹ Não conseguimos aclarar esta referência.

variantes possíveis) falta completamente no *VLB* (1622), Fusco (*Prosódia*) e Meisterburg apresentam erros comparáveis ao de Eckart: *Ametade putéra rupí* (Arronches), *A medade. Pytéra* (*Prosódia*) e *Ametade. pytéra* (Meisterburg). Até no dicionário da “Fazenda Gelboé” (f. 10r) encontramos Amêdade em A ante M, faltando “metade” sob M ante E. O verbete completo de Eckart (verbetes e nota marginal) diz:

Amatade. Pytéra * Nota marginal: *Emondóc co pirá pytéra rupí Corta pello meyo este peixe.

4.2. Diferenças com os outros dicionários conhecidos

Em alguns casos chamam a atenção as diferenças entre as definições empregadas por nossos autores, Fusco, Meisterburg e Eckart, além da fonte sempre importante do *VLB* (1622). Um destes casos é o verbete **Armadilha**. O tecnicamente mais completo é o do *VLB*, o qual alista vários tipos de armadilhas e os seus equivalentes na Língua Geral. Com respeito à definição semântica, o *VLB* diz “*Armadilha* que tomba com peso ou estalando. Mundê”, definição modificada na *Prosódia* porque aparentemente insuficientemente compreendida “*Armadilha*, que toma com pezo, ou entalando. Mondê”. Meisterburg acrescenta exemplos: “*Armadilha. mondé. tendicula.* vg. guyra oáruan mondepe. o passaro está apanhado *item* oáruan monde. cahio, fechou se a armadilha.” Eckart, pensando em outra aplicação de armadilhas, vê a necessidade de parafrasear o significado em várias línguas: “*Armadilha. Excipulum, vaso p’a receber em si, vg. nassa, naça Fischer Reüse vel ratoeira p’a os ratos &c. muscipula. Mondé*”. Arronches (1739) representa outra tradição. Ele, lacônicamente como sempre, anota “*Armadilha juçana*”, o que se refere ao laço para apanhar aves. No dicionário da “Fazenda Gelboé”, A ante R, f. 13v, o verbete “*Armadilha*” é omitido.

Em outros casos, Eckart prefere um equivalente latim diferente daquele que se lê em Meisterburg: este último, no verbete **Abater** p^a desfazer escolhe o latim *comminuo* ao passo que Eckart escreve *Destruere*. Mais ainda chama a atenção o verbete **Abido**, vestido que se encontra na *Prosódia*, em Meisterburg e em Eckart. Chama a atenção a forma e grafia estranha em português *abido* por *hábito*. Bento Pereira (1697, II, p. 74) tem o verbete *Habito de frade*. Não se encontra *abido* em outro lugar, e também não há referência com o equivalente de *vestido*, que é o mesmo nos verbetes **Abido** e **Vestido**, *aóba* ou, mais comumente, *xe óba*. *Prosódia*, pelo menos, oferece também **Veste**, vestido qualquer *Aóba*, alii: Óba. Porém, se Fusco é o autor da *Prosodia*, chama a atenção o fato que ele também apresenta a forma “*Abido*”, também no lugar que conviria a *abito*, entre **Abilitar** e **Abobora**. Ignoramos a fonte da forma singular *Abido* nos três se alista não

no seu lugar alfabético, mas no lugar que conviria a “abito”. A forma *abido* deve-se aos costumes articulatórios dos dois autores alemães (cf. Ruth Monserrat em Muller/ Dietrich/ Monserrat 2019:350) que se caracterizam pela sonorização das oclusivas surdas, que se conhece pelo menos em certas regiões centrais da Alemanha. O dicionário da “Fazenda Gelboé” (f. 4v) apresenta “Abito, id. Vestdo oba. v.g. xeoba. Meu vestido Liter xeaiba”.

Já se mencionou o grande número de aditamentos posteriores, escritos muitas vezes com outra tinta, que se encontram no “Vocabulario da lingua Brazil”, por exemplo, no verbete **Abater como mato ou erva**, vemos a palavra *capim* escrita, com outra tinta, sobre *erva*, aditamento que não se encontra em Meisterburg, mas já estava na “Fazenda Gelboé” (f. 4v) se aceitamos a ideia de que esse dicionário seja anterior ao dos dois alemães e a de Fusco. Ali se lê: “Abater como matto l(icet) Capii. Aimobebe Auctiuo (sic)”.¹² **Acabar se, gastar se de tudo. Deficere.** Apáb. vulgò Apáo. Opabine futuro. O verbete paralelo de Meisterburg termina aqui, mas Eckart agrega, com outra tinta, na mesma linha, Acabada estar a cousa xe aujé, na margem se encontra a nota, também escrita com outra tinta, opáuán. ja se acabou. Isto se analisa como o-pa-uan 3-acabar-já.

Variantes nos verbetes portugueses observam-se em vários casos: onde *Prosódia* e Meisterburg oferecem Affadicado por *afadigado*, Eckart escreve Affatigado, inserindo o verbete na ordem alfabética correta, mas diferente da de Affadicado. Meisterburg e Eckart mencionam ambos a forma tradicional *aicotebetebé* e a mais moderna *aicotemetemé*, a primeira omitida na *Prosódia*. O comentário dos dois autores, que segue, e assim porey em diante a d'ta palavra parece estranho. Pode ser que os dois autores queiram dizer que a segunda forma é preferível porque mais usada e que a expressão “pôr em diante” seja um germanismo baseado no alemão *vorziehen*, literalmente ‘puxar adiante’ (por ‘preferir’)?

O verbete **Accender o fogo.** *Açapù v Amondyc ajunt[ando] tatá* é idêntico em Meisterburg e Eckart, mas depois Meisterburg agrega “he o mesmo” (o que significa ‘é o mesmo ajuntar tatá ou não). Eckart, porém, escrevendo “e os mesmos” entendeu bem o que Meisterburg queria dizer? Por outro lado, Eckart acrescenta, na linha seguinte, a explicação Primo verbo se usa: accender candeia, campos, casa e depois, na mesma linha, mas como se fosse uma nota posterior &c vel Aitapù.

O objetivo dos missionários de controlar o modo de vida dos seus súditos os obrigava a preparar também linguisticamente o seu trabalho no confessionário. Por isto o interesse de anotar expressões em LGA para poderem interrogar os que se confessavam e entender as respostas. Um

¹² Chama a atenção a forma oral *capii* [kapi’i], típica da LG Paulista e do Guaraní, onde Tupinambá e a LGA têm *capim*.

exemplo deste interesse, que se repete em Fusco nos dois missionários alemães, mas não se acha nem no *VLB* (1622), nem na “Fazenda Gelboé”, é o verbete **Violar**, ou deflorar, a Virgem. Amombúc (o qu quer dizer ‘furar, fender’). A *Prosodia* continua “ajunt. o accus.” [ajuntando o acusativo], ao passo que Meisterburg e Eckart mencionam explicitamente a vítima: “ajuntandolhe a sojeita, ou no confessorio so cunhã [‘a mulher’]” (Eckart).

Comparando os quatro dicionários jesuíticos da primeira metade do século XVIII, parece-me interessante observar também as lacunas reveladoras em alguns dicionários que não se acham em outros: já o fato mesmo de não se encontrar um verbete “até” (prep.) em Meisterburg e em Eckart nos permite entrever que a LGA – como outras línguas tupí-guaraní – é uma língua na qual os limites espaciais e temporais não têm importância¹³. O *VLB* oferece um verbete específico **Até**, com explicação e um exemplo, mas a forma da LGA é idêntica à do sufixo local genérico *-pe*. *Prosodia* menciona isso, mas sem o exemplo. Até o dicionário da “Fazenda Gelboé” (BL King’s 223, f. 15r) omite o verbete. O fato que três dos dicionários de tradição possivelmente franciscana (Arronches, Coimbra Ms. 69 e Belém, 1771)¹⁴ tenham um verbete **Até** poderia apoiar a hipótese de os jesuítas, na sua maioria, ter entendido melhor a natureza interna da LGA do que os franciscanos.

4.3 Inseguranças no domínio do português

É evidente que antes de adquirir conhecimentos na Língua Geral, ser versado em português era um desafio para os dois autores alemães de dicionários de Língua Geral, Meisterburg e Eckart, e o italiano Fusco. Já na publicação do dicionário de Meisterburg se observaram “indícios de escrita do documento por autor de fala alemã” (Ruth Monserrat em Muller/ Dietrich/ Monserrat 2019:350-358). Grafias equivocadas e erros morfosintáticos se encontram em muitas partes, sobretudo no manejo de termos específicos. Ao contrário do que Ruth Monserrat observou na obra de Meisterburg, Eckart emendou ou evitou muitos dos erros ortográficos de Meisterburg na língua portuguesa, alguns também na Língua Geral. No caso da confusão de oclusivas e fricativas, Eckart se caracteriza por omitir verbetes que ele provavelmente não entendia ou onde via problemas (**Assombrar como visão, Boliçoso, Catarro, Catarrão, Carapado, Desenxabida**, por exemplo, mas manteve as grafias equivocadas de Meisterburg nos verbetes

¹³ Somente em Mbyá e no Guaraní paraguaio se distingue entre o sufixolocal genérico *-pe*, *-me* ‘em, a’ e a posposição *peve*, *meve* ‘até’.

¹⁴ Mais uma vez devo a observação sobre a existência de **Até** nos dicionários possivelmente franciscanos a J. Müller (c.p.).

Arreganhar, Barqueiro¹⁵, Broquel, Baril, Chiqueiro, Crespo da cabelo. Fusco é o autor quem menos se caracteriza por inseguranças no domínio do português, fato que se explica pela estada mais longa no Brasil.

Por exemplo, no verbete **Abrolho ou estrepe**, que já se encontra no *Vocabulário da Língua Brasilica*, abreviado *VLB* (Anônimo 1622), Fusco e Eckart escrevem *esterpe* ao passo que Meisterburg apresenta a forma correta *estrepo*. A “Fazenda Gelboé” omite “Abrolho” e também “Estrepo”. Outro manejo inseguro do português manifesta-se no verbete **Affligirse**, que é “Affligirse com sospeitta de algũ mal q. teme” na *Prosódia*, “Affligir se com suspeita de algũ mal que se teme” em Meisterburg, mas “Affligir se «com algum mal «suspeito do» quem teme” no Eckart, o que oferece uma sintaxe portuguesa defeituosa. O resto do verbete é quase idêntico nos três autores, mais pormenorizado em Eckart: *xe ang ecoãib, nde ang ecoãib, i-ang-ecoãib. Assim diz a arte, e o catech. faz xeanghecóai, ut janghecóai catech. fol. 70.*

O verbete **Agasalhar dando pousada, divertorium**. *Amopytã v. Amorýba*, este sign. [significa] fazelhe (por *fazer-lhe*) boa praça manifesta um manejo defeituoso do português e também da Língua Geral. A fonte, evidentemente Meisterburg porque a *Prosódia* não oferece a explicação semântica que segue as duas formas da Língua Geral, apresenta a informação correta “Amorýb”, sem *-a*, e “este sign. fazerlhe boa praça”.

Os erros de português que só se encontram no Eckart são poucos. Um exemplo lê-se no verbete **Broquel** (Fusco, Meisterburg), que Eckart estrofia para **Borquel**. Outro exemplo da dependência de Eckart do dicionário de Meisterburg é o verbete **Abaixo**. A *Prosódia* oferece o equivalente *ybype* [yvýpe], só Meisterburg e Eckart têm o aditamento *gyripí* por *gyripe*. Eckart evidentemente copia a forma equivocada de Meisterburg. Eckart é o único entre os três autores de dicionários considerados aqui quem confunde *pião* como brinquedo com a palavra homônima, só graficamente diferenciada, *peão*. No verbete **Andar a [à] roda como pião, homem de povo, plebejus**. *Apyryrým* é a explicação semântica em português e em latim que é errada.¹⁶ Além disso, não se dá conta de que repete parcialmente o que já foi dito no verbete anterior **Andar ou voltar a [à] roda**. *Anhatimáa* [anhatimã] *vel* *Aiatimàn*, ainda que seja pessoa. Segue um aditamento que não têm a *Prosódia*, nem Meisterburg: como costumam os rapazes.¹⁷ Na margem lemos

¹⁵ No caso de *bordo* por *borda* citado por Monserrat (Muller/Dietrich/Monserrat 2019: 351) evidentemente se trata de uma confusão semântica entre dois termos vizinhos.

¹⁶ Esta confusão semântica já se encontra na “Fazenda Gelboé”, a qual (f. 11r) oferece “Andar a roda como hũ piam. *Apýryrim* † *Apyryrym*”.

¹⁷ Fusco e Meisterburg oferecem uma explicação semântica que Eckart infelizmente omite: (Andar, ou voltar à roda) como a do engenho. *Anhatimán* † (licet) *Aiatimán*. Ainda

a nota, que não se acha nos outros autores, não facilmente decifrável por ser escrita com outra tinta: “**Andar bem em caminhado**. Aicó catu’[‘estou bem’] ou dar de bem com alguém vg. o marido com sua m.^{er} [mulher] aicó catú xe mericó irúnamo. Debaixo, de outra não, a correção mal decifrável da forma popular “mericó” em “xe remirecó”. O aditamento marginal da mão de Eckart faz o problema de reconstruir o processo da compilação do dicionário: trata-se de uma nota bastante posterior à compilação mesma e de uma má lembrança da Língua Geral? Mas de uma palavra tão comum como *rembirekó*? E quem pode ter corrigido o texto e quando? As perguntas evidentes às quais não podemos responder são: O que aconteceu com os dicionários entre 1757, ano da detenção dos jesuítas e 1759, o ano do seu encarceramento em Portugal?

Desde o ponto de vista moderno do português são interessantes também manifestações do uso do português do século XVIII. Os dicionários modernos não registram, com referência ao verbo *alargar*, o significado ‘deixar, afastar-se de’, isto somente no reflexivo *alargar-se*. Eckart, excedendo a informação oferecida na *Prosódia* e em Meisterburg, acrescenta um aditamento posterior ao verbete: “**Alargar cavando e dilatando a borda, oram Extremitatem**. Aióbaói¹⁸ - Alargar, ou deixar Apöir*”, e na margem, “Epöir ndé agoaçá çüí. Larga de tua manceba”, o exemplo que já mencionou no verbete **Absterse**. Na tradução, porém, emprega *largar* em lugar do verbo *alargar*.

4.4 Inseguranças na Língua Geral

Inseguranças, como já vimos, manifestam-se também no domínio da Língua Geral. No verbete **Acallentar**, vg. o menino, quem chora, Fusco e Meisterburg mencionam Amöi [amoĩ] taýna licet pitánga. Se *taýna* parece ser uma forma regional popular da época, Eckart escreve *Taýnar*, que é uma confusão de *taýra* e *taýna*. Uma confusão parecida vê-se nas formas que Eckart oferece para ‘filha’ e ‘filho do varão’: Filho do varão Tãiyra V. Tagýra ou .i`ra (o que interpretamos como Tãira. Mas fica incompreensível o equivalente Filha. Tayrá, lá onde *Prosódia* tem Taiýra. Vul. Tagíra, com soluções muito similares em Meisterburg. Outro exemplo é o verbete **Acenar com a cabeça**. Nutare, chamando. Acaityv v Angacangaityc çupé de Eckart. O padrão do verbete, que não está na *Prosódia*, é Meisterburg, cujo verbete é:

que seja pessoa, que assi anda a roda. (*Prosódia*), (Andar ou voltar a roda,) como a do engenho. anhatimán v aiatimán, ainda que seja pessoa (Meisterburg).

¹⁸ ou Açobaoó, com acento na -c. Pouco mais abaixo, no verbete Alargar como a cova com a chuva ou chaga, assim a roda Aiobaói [aiobaóc]. Meisterburg, no verbete correspondente, escreve Alargar, a *Prosódia* corretamente Alargarse.

Acenar com a cabeça chamando *aiaityc* *y* *anhacanga ityc* *çupe*. Isto se analisa como o nome ‘cabeça’ incorporado no verbo *a-ityk* ‘lançar’

a-je-a-ityk resp. *a-i-akanga-ityk* (foneticamente *a-nha-kanga-ityk*)

1SG-RFLX-cabeça-lançar 1SG-OBJ-cabeça-lançar

‘eu lancei a cabeça’.

Há, porém, vários problemas: se a nossa análise for correta, fica insólita a combinação do reflexivo *-je-* com a incorporação de ‘cabeça’ e também a do morfema *-i-* do verbo transitivo com a incorporação de ‘cabeça’. Em todo caso, a forma de verbo incorporado que oferece Eckart, *angacanga*, é absolutamente inaceitável: *ánga*, que significa ‘alma, visão, sombra’, não tem nada que ver com o sentido do verbete em questão. Parece que Eckart não dominava bem certos detalhes do funcionamento da Língua Geral.

O verbete **Affligir se** *Aciotemé* (*por aicotemé*) é outro exemplo da insegurança na Língua Geral ou de um mero lapso. O verbete, que diz simplesmente *Affligirse aicotemé* na *Prosódia* e em Meisterburg, apresenta-se, no *Vocabulario da língua Brazil* de Eckart, como *Affligir se. Aciotemé. N.* (verbo neutro) e, como aditamento posterior, em outra tinta, ou *Anhemomoruauçúb*, difícil de decifrar. Esta forma parece referir-se ao *Aimôborauçú* no verbete **Affligir** do *VLB* (Anônimo 1622:23 na edição de Drumond, 1953) e ao verbete **Affligir**. *Aimomoruauçúb* da “Fazenda Gelboé” (f. 6r). Bueno (2008:229) diz *Momoraússuba affligir-se por*. Neste caso, Eckart teria a metátese *au > ua*, cuja variante *au > ia* se encontra também na “Fazenda Gelboé” (f. 6r) no verbete **Affligirse**. *Aicotebé. Neut.* Melhor *Anhemomoriaçúb*, diretamente em baixo da forma *Aimomoruauçúb* do verbete anterior.

No verbete **Alfayas** [alfaias] de casa. *Supellex*. *Mbäe etá*, isto é ‘coisas muitas’, verbete idêntico na *Prosódia* e em Meisterburg, Eckart acrescenta diretamente, sem espaço, mas com outra pena, mais franzina, *viadoára +*. O signo *+* não parece corresponder a outro aditamento ou uma referência. A forma *viadoára* também não se explica, nem sequer na combinação *Mbäe etáviadoára*. Se o deciframento resultar em *Mbäe etáviandoára*, poderia tratar-se de um eco distante de *Mba’e eta ára iaviõ ndoára* ‘muita coisa quotidiana’, mas isto é só uma tentativa de entender o significado. Uma hipótese impõe-se: Poderia ser que pelo menos uma parte dos aditamentos que se encontram neste dicionário fossem agregados de memória, talvez durante os largos anos de encarceramento do autor no Forte de Almeida?

Sabe-se que Eckart, de volta à cidade natal de Magúncia, anotou

muitas observações sobre a fauna e flora e os costumes que ele conhecera na Amazônia. Sabe-se que os documentos dos padres tapuitinga foram confiscados pela administração pombalina no momento do seu encarceramento e permaneceram confiscados quando indivíduos como Eckart obtiveram, em 1777, a permissão de deixar o país, mas é possível que o *Vocabulário da língua Brasil* lhe fosse restituído durante o encarceramento para ele poder revisá-lo e completá-lo. Sabe-se também que sequer podia trocar memória e anotações com Meisterburg, porque estava no Forte São Julião da Barra, perto de Lisboa, quando Eckart estava preso no Forte de Almeida, perto de Guarda (Beira Interior). A memória infelizmente enfraquecida explicaria pelo menos uma parte das formas estropiadas, mal lembradas, tanto da Língua Geral como do português.

Na *Prosódia*, o verbete **Ainda não** diz Ainda não. Deiranhé, em Meisterburg Ainda não. deiranhe. aaniranhe. Topin. Eckart, por sua parte, copia Deinranhe. Aániranhe (sem acento, como Meisterburg), mas agrega, depois de Topin., V. Nitíranhé., isto é a forma moderna usada na sua época. Uma forma parecida já se lê na “Fazenda Gelboé” (f. 7r): Ainda não. Deyranhëi vel Anni, [palavra riscada, talvez ~~ndiran~~] Niranhé. Mais um exemplo encontra-se no verbete **Amortalhar**. obvelare, Funerare, Pollincire. Apokék*. Na margem lemos o aditamento *Apokék có teõcoêra panú pupé. Amortalho este cadaver no panno.

4.5 Os exemplos

Apesar do padrão uniforme dos verbetes portugueses, os três autores diferem ligeiramente nos **exemplos** que oferecem. Assim, no verbete **Absterse** a *Prosódia* acrescenta um exemplo que os dois outros não têm. Todos os três, depois de mencionar o equivalente de Língua Geral *anheronhén*, oferecem uma referência ao *Catecismo* de Araújo (1686), escrevendo mais ou menos uniformemente *Ita*. Cat. Vulgò (*Prosódia*), *ita catech. çüi Vulg.* (Meisterburg), *Ita cat. Vulgó* (Eckart) apöir. Só o autor da *Prosódia*, acrescenta o exemplo: *ut epöir nde agoaçà çüi*. Larga de tua manceba, uma típica amoestação de um padre jesuítico. Encontram-se também, de modo irregular, explicações semânticas em alemão, provas da identificação do autor como alemão. Em muitos casos, esses aditamentos, embora da mão de Eckart, parecem ter sido acrescentados mais tarde, como na ocasião de uma revisão do dicionário pelo autor, por exemplo, p. 3, no verbete **Abainhar**, onde se lê “**Abainhar**, plicare fimbriam. Amöybýc. v. Amamán _ _ Açambémamán. „ Einsämen”, o verbo alemão *einsämen* corresponderia ao moderno *einsäumen* ‘abainhar’. Se a forma Einsämen

corresponde a um lapso por parte do autor ou é uma forma dialetal fica um problema aberto.¹⁹ Também não estamos seguros com respeito à interpretação do sublinhado intervalado _ _ _ entre Amamán e Açambémamán. Trata-se da omissão de um possível objeto direto do verbo o de outra variante, ignorada naquele momento?

O dicionário, na forma em que se conservou, parece ser uma cópia a limpo. O autor só excepcionalmente se engana ou parece hesitar. Assim, por exemplo no verbete **Abainhar**, parece hesitar entre Acembémamán e Açambémamán, escrevendo a letra *a* que segue o *ç* como uma mistura de *e* e de *a*. Como não corrige a *ç*, lemos Açambémamán, apesar disto.

4.6 Língua tradicional e língua comum

Eckart oferece também observações adicionais ao final de alguns verbetes, dando informação sobre o uso comum da língua, uso que pode diferir das expressões tradicionais documentadas em dicionários ou gramáticas anteriores à sua época, ou da tradução feita a partir de verbetes portugueses que não têm muito sentido na Língua Geral. O “Vocabulario da Língua Brazil” é um vocabulário compilado a partir do português, para facilitar a tradução de um pensamento feito em português. Assim, por exemplo, no verbete **Aballisado** se lê:

Aballisado. Affamado, Inclytus Céra pöembäé (‘seu nome é importante’) Relat. Tapinambá (por Topinambá) porém se não usa, vulgo – Abá moacára v. Abá reté (‘homem verdadeiro’).

No verbete **Levantar falso testemunho** Eckart oferece primeiro uma solução que parece ser uma tradução literal do português, com o verbo *A-püam* ‘levantar’ (fisicamente). Depois da solução *Apüam morandúba* ‘levanto notícia’, Eckart agrega “Topin. xe remõem”, que significa ‘(existe) minha mentira’ aditadamente obviamente copiado de Meisterburg, que tem a mesma informação, que a *Prosodia* omitira.

O verbete **Fugir** de Eckart é interessante pelas diferenças que mostra em comparação com os outros dicionários. Depois da tradição representada na “Fazenda Gilboé” (f. 51), com a solução *Aiabab*, a *Prosodia* já oferece também a forma comumente usada, *Aiabáb*. vul. *Aiauíu*, que nos ensina a vocalização da oclusiva bilabial /b/ para /u/. A informação que dá Meisterburg neste caso é pouco clara: *aiabáb*. vul. et sic catech. Se a forma *aiabáb* é também a do catecismo, portanto da tradição, como pode ser

¹⁹ Tal forma figura no Dicionário alemão de Jacob e Wilhelm Grimm, vol. III (1862), porém com o significado do alemão *einsäen* ‘semear’. O problema perdura.

“vul.”? Eckart, pela sua parte, é mais convincente quando escreve “ajabáb v. aiabáb, et sic catech.”. A direita, com outra pena e outra tinta, lemos “Ajauaó”, provavelmente uma lembrança tarda que se parece com a da *Prosodia*, mas causa surpresa pelo acento inadequado.

As formas do uso comum da sua época e região Eckart muitas vezes as menciona simplesmente pela pronúncia moderna acrescentada, e isto também de maneira abreviada, como por exemplo no verbete **Mimo**. Potába, ou –ua, quer dizer “ou potáua”, com a oclusiva sonora da grafia geralmente vocalizada em /u/. Na realidade, no Tupinambá original não existiam oclusivas sonoras como /b/, mas só a fricativa bilabial /β/ (cf. Gerardi (2023, 43), a qual, na tradição ortográfica introduzida por Anchieta (1595) se escrevia /b/. Missioneiros como Eckart adotaram a grafia moderna, que representava melhor a pronúncia.

O verbete **O partícula de chamar** é uma cópia exata daquelas que já se encontram na *Prosodia* e em Meisterburg. Um verbete correspondente não se acha no *VLB* (1622), mas na “Fazenda Gelboé” (f. 68v), que diz “O partícula de chamar. Güí, l. Güé v.g Pay güé. Oh. Padre. Xe Jargü’. Oh. Meu Senhor”. A diferença com *Prosodia* é, neste caso, que os dois autores alemães não reproduzem os exemplos depois de “v.g”, mas inserem a seguinte informação: “güí ou güé, dizem os homens, as mulheres Jú; hoje assim elles como ellas, usaõ as 2. partlas [as 2 partículas]”. Sem verificação estatística o dicionário de Eckart parece oferecer mais informação sobre diferenças entre fala tradicional e fala atual do que Meisterburg. Fusco também é discreto a respeito.

O verbete **Mentira** é interessante em mais de um respeito. Em primeiro lugar podemos ler um aditamento marginal, que Fusco e Meisterburg não têm, que nos ensina que os equivalentes tradicionais não foram aceites por um falante do “Topinambá”. Eckart evidentemente copia este verbete do Meisterburg, quem, como também Fusco, tinha dois verbetes, **Mentira** e **Mentir**, que Eckart reúne em um único. Existe conformidade entre Fusco, Meisterburg e Eckart com respeito a **Mentira**: “Mentira. Jereragoája”. Eckart, no mesmo verbete, acrescenta “Mentir. Aieretagoái, ou xeieretagoái. Top. xeiururagoái. Ità catech.*”. Na margem, escrito aparentemente com outra pena, lemos “*Hum Topinamba dizia ao author deste livro, que não”, o que interpretamos como uma crítica do “Topinamba”: *Xe iururagoái* não se diz. Isto é uma cópia exata do que apresenta Meisterburg, de onde se deduz que existiam quase tradições de críticas diretas de informantes com respeito à documentação de expressões ou incorretas ou antiquadas. Observa-se que, além disso, os verbetes **Mentira** e **Mentir** faltam no *VLB* (1622) e que a “Fazenda Gelboé” menciona, no verbete **Mentir**, a forma

verbal *Aiereragoái* e a nominal *xeiereragoái*, acrescentando, depois da verbal, “t. Poite”, e, depois da nominal “t xepoite”. As duas formas, que não aparecem no Meisterburg, se reduzem a um outro aditamento marginal no Eckart, em cima do que diz “Hum Topinamba dizia ...”, a um simples “Poyté” escrito, como parece mais tarde e com outra pena. Esta palavra se encontra no *Dicionário da Língua Tupy* de Gonçalves Dias, de 1858 (Bueno 2009, 510) com o significado ‘patarata’. O processo da compilação do dicionário do Eckart é complexo, já que o aditamento “Poty” evidentemente foi acrescentado depois do segundo, por baixo, copiado de Meisterburg.

5. Fonologia, gramática, grafias e etimologia

A oclusão glotal, elemento fonológico típico das línguas Tupi-Guarani, durante muito tempo foi ignorada nas gramáticas missionárias. Nem Anchieta (1595) nem Figueira (1687) a mencionam. No *VLB* (1622) também não se marca, mas na *Prosodia* já observamos a tradição de marcar pelo menos a combinação vocálica pelo trema que se coloca na primeira vogal de uma combinação bissilábica, mas isso independentemente da oclusão ou de um mero hiato: *epöir* [epo’ʔir], *mbäé* [mba’ʔe], *axiüu* [afu’ʔu] não se distinguem ortograficamente de *aóba*, *aiba*, *aani*. Meisterburg é mais desmazelado²⁰ em comparação com Eckart, que marca bastante regularmente a bissilabidade. A natureza da oclusão glotal, portanto, não foi reconhecida por ninguém dos nossos autores. Foi reconhecida provavelmente no curso dos primeiros estudos de fonética experimental nos últimos decênios do século XIX. Se menciona como um fenômeno bem conhecido já na obra clássica de Sapir (1921, cap. III, § 6). Nas línguas TG foi estudada primeiro por Rodrigues (1959).

Eckart, copiando Meisterburg ou Fusco ou os dois, ou outra fonte até hoje desconhecida, mantém a tradição que já se manifesta na *Prosodia* e em Meisterburg, de marcar bastante regularmente a flexão relacional. Nos três dicionários que estamos comparando, a forma básica dos nomes que se caracterizam por prefixos relacionais é a da não-contiguidade, marcada por /s/- ou <c> resp. <ç> inicial. Nos três dicionários em questão esta forma é seguida da indicação Relat. ou Rel. (vejam-se também os verbetes **Alimpar** e **Aballisado** em cima). Certo, a nomenclatura e a descrição básica do funcionamento da flexão relacional deriva da tradição de Anchieta (1595:11v). Anchieta parte das formas em t-, que marcam que o nome prefixado não é possuído. Chama as em <c>, <ç> de relativo, mudado em r- “praeposito o adietiuo, ou genitiuo”. O mecanismo deve ter

²⁰ No verbete **Morder** Meisterburg escreve “açuú, *alii* aiaçuú, *arte* aixüü”.

sido bem conhecido dos missionários autores de dicionários para inserirem regularmente a informação gramatical nas suas obras.

Com respeito aos câmbios linguísticos que sofreu o Tupinambá no desenvolvimento para a LGA, uma temática é bem ilustrada nos exemplos que nos oferece Eckart, a negação predicativa. Já em cima (§ 3) vimos exemplos da negação tradicional das línguas TG, marcada pelo morfema descontínuo *n(d)...i*, ser substituída pela negação anteposta *nitibi* ou *nitib*, *nitiu* ou *nití* (de **n-ityb-i* ‘não há’), conforme a ordem morfossintática dos elementos em português. Eckart, em várias ocasiões, dá exemplos das diferentes etapas da evolução morfossintática, sem dar-se conta disto. No verbete **Geito** [jeito] Fusco escreve, quando quer dar um exemplo da oração negativa “não ter geito”, “Naxecatúi l. nití xe catú &c^a.” Meisterburg e Eckart oferecem uma solução mais moderna: “Naxecatú”, sem a última parte do morfema descontínuo, e depois, como última etapa da evolução, “Nití xe catú”.

É interessante observar as inserções gramaticais que Eckart oferece de vez em quando. No verbete **Aballar** (p. 3), por exemplo, diz o seguinte: **Aballar**. Amociüé vel Amocatác vg o esteio q’ está fingido * (nota marginal em latim: * labi vg. fulcrum quod est defixum *) ou huma arbore & o frequentativo faz Amociüeciüé. Amocatácatác. E assim fallando dos mais verbos, que poremos adiante o d’to (dito) sign. (significa) proprie ‘te (propriamente) concutiò em latin (sic). Isto é uma observação sobre o funcionamento da reduplicação verbal na Língua Geral.

Em alguns casos, Eckart oferece soluções mais exatas do que Meisterburg. No verbete **Açucarar** Eckart, além de apresentar um equivalente latino, *saccharo condire*, não adota a forma errônea de Meisterburg, *amoieê*, mas a correta, *amoceê*, que também está na *Prosódia* (a-mo-c-e’ê. 1SG-CAUS-REL-doce). Os três agregam a forma usada na época, *amoeê*, isto é, a-mo-e’ê, a qual se encontra como forma única, já na “Fazenda Gelboé” (f. 5v). Com referência à forma errada de Meisterburg e à correta de Eckart, pode ser que Eckart se valesse também ou fundamentalmente da *Prosódia*? Se é que de ambos, *Prosódia* e Meisterburg, qual foi o processo da cópia ou da compilação? Existia, antes da cópia a limpo conservada, um esboço que se completava nas estadas em diferentes missões amazônicas?

Outro indício da hipótese de a *Prosódia* ter servido parcialmente como base da compilação de Eckart é, por exemplo, o verbete **Acima**, que não se acha em Meisterburg, mas na *Prosódia*. Eckart apresenta o verbete na mesma ordem alfabética tipicamente jesuítica (cf. Barros/Fonseca, 2010, 670) que Fusco, isto é, depois de **Açucarar** se encontra a série dos verbetes *Á cinte*, *Acima*, *Achega*, *Achegarse* (*Prosódia*), resp. *Á cinte*. **De industria**,

Acima, Achega, Ache gar se (Eckart). Os jesuítas, já no dicionário de Pereira (1697), costumavam ordenar os nexos de C + vogal segundo a pronúncia, primeiro /k/ <aa, co, cu>, antes de <c> [s] nos nexos <ce, ci>. A informação linguística é idêntica nos dois autores: “Acima. ybaté Vul. yuaté. – seja status in loco licet motus ad locum (*Prosódia*), seja estado in loco aut motus ad locum” (Eckart), mas os exemplos que seguem são diferentes: Fusco oferece exemplos para cada um dos usos (“oicó yuatè – eraçò yuatè”, mas Eckart só um: “oçó yuaté”, ‘foi em cima’).

Há muitos casos que induzem a pensar que a *Prosódia* é, pelo menos parcialmente ou ocasionalmente, uma das fontes de Eckart. Um detalhe do verbete **Aballisar**. metir [medir] chama a atenção quando Eckart apresenta os equivalentes da Língua Geral uma vez com trema na primeira <a> da raiz, outra vez não: Açãangáb vel Acaangab. Fusco, em todo caso, é mais correto porque não omite a cedilha quando escreve “Açãangáb, alii Açaangáb”. Meisterfeld, neste caso, anota a cedilha, mas omite o trema em ambos os casos.

O verbe **Fruta** de Eckart oferece um exemplo de etimologia popular por parte de Eckart. Entre os lexicógrafos ele é o único quem anota, depois de “Fruta, ýbá: se está na arvore; iá.”, “iacy Luna s. may das frutas” [... significa mãe das frutas]. Embora seja uma etimologia popular, sem fundamento na linguística histórica da língua²¹, evidencia a preocupação do autor de se explicar a estrutura interna da LGA. Por outro lado, a distinção semântica entre ‘fruta na árvore’ ou ‘dar fruta a árvore’ e ‘fruta (caída ou colhida)’ tem uma inicial glotal /ʔ/, não marcada por ninguém dos nossos autores, nem sequer por um trema. Além disso, entre os nossos autores só Eckart oferece um aditamento marginal a respeito, que se refere a uma fruta concreta, que não conseguimos identificar: “Coty tiruã úba nogoerecó iá, a arvore do cotitiruã não tem frutas”. Como já se mencionou no § 5, nogoerecó [n-ogue-reko-ø]

NEG-3-ter-NEG

‘não tem’

²¹ A etimologia é impossível por duas razões simplesmente fonológicas: a palavra *jasy* ‘lua’ reconstrói-se /jaʃi/, com /j/ inicial (cf. Seki 2000: 569) ao passo que a /i/ de *i’á* ‘sua fruta; tem fruta’ é o morfema relacional da não-contigüidade. A segunda razão nasce do mesmo fato morfofonológico: um sintagma que significaria ‘mãe das frutas’ não poderia conter esse morfema de não-contigüidade, mas teria ser alguma coisa como *a-sy*, que é pouco provável que exista porque *-asy* é a raiz que significa ‘dor, enfermidade’.

É mais um exemplo da negação abreviada, *n-...* sem *...-i* (se não se trata de um lapso de grafia causado pela *i-* inicial da palavra subsequente). Toda a expressão seria mais um exemplo do câmbio que introduziu com respeito à noção ‘ter’, isto é, da negação predicativa nominal do Tupinambá *cotytirũ ýba n-i’a-i para a expressão verbal com um verbo que significa ‘ter’. Por último, o mesmo exemplo evidencia a substituição da /i/ central pela /u/ velar, típica da LGA em confronto com o Tupinambá original.

6. Conclusão

Os dicionários de Fusco e dos dois autores jesuítas de língua alemã são variantes de um padrão uniforme. O objetivo deste pequeno estudo foi identificar e ressaltar as particularidades, vantagens e fraquezas, da variante “Eckart”. Intentamos também restituir, na medida do possível, os processos da confecção, obviamente sucessiva, do dicionário na forma em que se conservou. Partimos da hipótese de que todos os missionários compilaram o próprio dicionário copiando-os e completando-os dos seus confrades. Eckart adotou de Fusco e talvez de outro, cujo dicionário não se conservou, a estrutura básica do seu dicionário, que completou quando teve a oportunidade de copiar a informação que encontrava em Meisterburg e que lhe parecia útil.

Todos os intentos de aclarar os processos dos aditamentos posteriores ficam, porém, especulativos. Podem-se distinguir os aditamentos acrescentados no corpo de um verbete dos aditamentos marginais, escritos nas margens amplas deixadas em cada página desde o princípio. A maioria destes aditamentos é da mão do autor. São relativamente poucos os de outra mão. É provável que os marginais da própria mão foram acrescentados antes dos que se integram no corpo dos diferentes verbetes porque esses foram escritos com a mesma pena e a mesma tinta.

Parece que por último o autor acrescentou os aditamentos escritos no corpo dos verbetes porque testemunham de outra pena e outra tinta. Cada um dos quatro dicionários de tradição jesuítica que conhecemos é importante pelas suas características individuais. O de Eckart é mais um documento precioso da qualidade das obras jesuíticas.

Referências

- Anchieta, José de. 1595. *Arte de Grammatica da Lingoa mais vsada na costa do Brasil*, Coimbra: Antonio de Mariz. Edição facsimilar publicada por Julio Platzmann, Leipzig: B. G. Teubner. 1876.
- Anônimo. 1622. *Vocabulário na Língua Brasilica* (VLB) Manuscrito Português-Tupi do século XVII coordenado e prefaciado por Plínio Ayrosa, São Paulo, Departamento de Cultura, vol. XX, 1938. Segunda edição revista e confrontada com o Ms. fg. 3144 da Biblioteca Nacional de Lisboa. Por Carlos Drumond, São Paulo: *Boletim da Universidade de São Paulo*, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras no. 137, A-H, 1953; no. 164, I-Z, 1953.
- Anônimo. s.d. *Prosódia da Língua, Dicionário da língua falada por índios do Brasil*, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, Catálogo N° M.A. 569. Acessível: https://biblioteca.acad-ciencias.pt/pacweb/files/ma0569_md.pdf
- Anônimo [Eckart, Anselm] s.d. *Vocabulario da lingua Brazil*. Códice 3143 da Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa.
- Araujo, Antonio de. 1686. *Catecismo Brasilico da Doutrina Christaã ...* Composto por Padres Doutos da Companhia de Jesus, Aperfeiçoado e dado a luz pelo Padre Antonio de Araujo da mesma Companhia, Emendado nesta segunda imprelha pelo P. Bertholameu de Leam da mesma Companhia, Lisboa: Na Officina de Miguel Deslandes.
- Arronches, Frei João. 1739. *Caderno da Lingua*. Ms. da Biblioteca do Museu Paulista, São Paulo. Publicado por Plínio Ayrosa, com o título “O Caderno da Língua ou Vocabulário Portuguese-Tupi”, *Revista do Museu Paulista* 21 (1935), pp. 40-322.
- Barros, Maria Cândida Drumond Mendes/Fonseca, Vitor Manoel Marques da. 2010. Passagens do livro “Itinerário para Párocos de Índios”, de Peña Montenegro (1668), em um confessionário jesuítico setecentista da Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas* 5,3, pp. 669-679.
- Bettendorff, João Felipe. 1687. *Compendio da Doutrina Christiaã na lingoa portugueza e brasilica*, Lisboa: Miguel Deslandes.
- Bueno, Francisco da Silveira. 2008. *Vocabulário Tupi-Guarani – Português*, 7ª. ed., São Paulo: Vidalivros.
- Chamorro, Graciela. 2023. *Dicionário Kaiowá-Português*, com a colaboração de Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Andérbio Márcio Silva Martins e Jorge Domingues Lopes. Belo Horizonte: Javali.

- Dietrich, Wolf. 2019. La documentación de la lengua general amazónica (tupí-guaraní) en tres diccionarios de mediados del siglo XVIII, *INDIANA* (Berlín) 36,2, pp. 17-42.
- Dietrich, Wolf. 2020. “Prosódia da Língua”, an Unpublished Anonymous Eighteenth-Century Dictionary of Língua Geral Amazônica. In: Alexander-Bakkerus, Astrid/ Fernández Rodríguez, Rebeca/ Zack, Liesbeth/ Zwartjes, Otto (eds.), *Missionary Linguistic Studies from Mesoamerica to Patagonia*, Leiden – Boston: Brill, pp. 220-235.
- Figueira, Luis. 1687. *Arte de grammatica da lingua brasilica*, Lisboa: Miguel Deslandes.
- Gerardi, Fabrício Ferraz. 2023. *A Role and Reference Grammar Description of Tupinambá*, Tübingen: Tübingen Library Publishing.
- Acesso: <https://publikationen.uni-tuebingen.de/xmlui/handle/10900/142263>
- Grimm, Jacob und Wilhelm. 1863. *Deutsches Wörterbuch* (DWB), vol. III. Leipzig: S. Hirzel.
- Muller, Jean-Claude/ Dietrich, Wolf/ Monserrat, Ruth (orgs.). 2019. [*Dicionário de Língua Geral Amazônica*], Manuscrito nº 1136, anônimo e sem título, da Biblioteca Municipal de Trier, Alemanha, Potsdam: Potsdam University Press. https://publishup.uni-potsdam.de/opus-4-ubp/frontdoor/deliver/index/docId/41639/file/dicionario_de_lingua_geral_amazonica.pdf
- Müller, Juliane (org.). em preparação. *A Língua Geral Amazônica do século XVIII: Dicionário Português – Língua Geral Amazônica*, Texto inédito.
- Papavero, Nelson, & Antonio Porro (orgs.). 2013. *Anselm Eckart, S.J, e o Estado do Grão-Para e Maranhão Setecentista (1785)*, Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.
- Pereira, Bento S.J. 1697. *Prosodia in Vocabulari bilingue, Latinum et Lusitanum digesta*, septima editio, auctior et locupletior ab Academia Eboresi: Eboræ: Ex Typographia Academiae.
- Porro, Antonio. 2011. Uma crônica ignorada: Anselm Eckart e a Amazônia setecentista. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas* 6,3, pp. 575-592.
- Rodrigues, Aryon Dall’Igna. 1959. *Phonologie der Tupinambá-Sprache*, Universität Hamburg. Tese de doutorado.
- Sapir, Edward. 1921. *Language. An Introduction to the Study of Speech*. New York: Harcourt & Brace.

Seki, Lucy. 2000. Aspectos diacrónicos da língua Kamaiurá (Tupi-Guarani).
In: Staib, Bruno (org.). *Linguistica romanica et indiana. Festschrift für Wolf Dietrich zum 60. Geburtstag*. Tübingen: Narr, pp. 565-581.